

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

NOVEMBRO DE 1862

Nº 11

Viagem Espírita em 1862

Acabamos de visitar alguns Centros Espíritas da França, lamentando que o tempo não nos tenha permitido ir a toda parte onde nos haviam convidado, nem prolongar nossa estada em cada localidade como o desejávamos, em razão da acolhida tão simpática e tão fraterna que por toda parte recebemos. Durante uma viagem de mais de seis semanas e um percurso total de seiscentas e noventa e três léguas, paramos em vinte cidades e assistimos a mais de cinqüenta reuniões. O resultado nos proporcionou uma grande satisfação moral, sob o duplo aspecto das observações colhidas e da constatação dos imensos progressos do Espiritismo.

O relato dessa viagem, que compreende principalmente as instruções que demos nos vários grupos, é muito extenso para ser publicado na *Revista*, pois absorveria quase dois fascículos. Dele faremos uma publicação à parte, do mesmo formato do jornal, a fim de, caso necessário, ser a ela anexado⁵¹.

51 Brochura grande in-8º, formato e tipo da *Revista*. – Preço: 1 fr., *isento de porte* para toda a França. (*No prelo.*)

Em nosso percurso fomos visitar os possessos de Morzine, na Sabóia; ali também recolhemos importantes observações, muito instrutivas, sobre as causas e o modo da obsessão em todos os graus, corroborados por casos idênticos e isolados, por nós vistos em outras localidades, assim como os meios de a combater. Será objeto de um artigo especial e desenvolvido, que tínhamos a intenção de inserir neste número da *Revista*; o tempo, porém, não nos permitiu terminá-lo, obrigando-nos adia-lo para o próximo número. Aliás, só terá a ganhar, porque feito com menos precipitação. Além disso, vários fatos recentes vieram esclarecer essa questão, abrindo novos horizontes à patologia.

Este artigo responderá a todos os pedidos de esclarecimentos que freqüentemente nos dirigem sobre casos análogos.

Julgamos oportuno aproveitar esta circunstância para retificar uma opinião que, em geral, se nos tem afigurado muito propalada.

Várias pessoas, sobretudo na província, haviam pensado que os gastos com essas viagens corriam por conta da Sociedade de Paris. Vimo-nos forçado a refutar esse erro quando a ocasião se apresentou. Aos que pudessem ainda partilhar dessa opinião, lembramos o que foi dito em outra circunstância (número de junho de 1862), que a Sociedade se limita a prover as despesas correntes e não possui reservas. Para que pudesse formar um capital, teria de visar o número; é o que não faz, nem quer fazer, pois seu objetivo não é a especulação e o número nada acrescenta à importância de seus trabalhos. Sua influência é toda moral e o caráter de suas reuniões dá aos estranhos a idéia de uma assembléia grave e séria. Eis o seu mais poderoso meio de propaganda. Assim, não poderia ela custear semelhante despesa. Os gastos de viagem, como todos os necessários às nossas relações com o Espiritismo,

são cobertos por nossos recursos pessoais e por nossas economias, acrescidos do produto de nossas obras, sem o que nos seria impossível acudir a todas as despesas conseqüentes à obra que empreendemos. Dizemos isto sem vaidade, unicamente em homenagem à verdade e para edificação dos que imaginam que entesouramos.

Aos Nossos Correspondentes

Ao regressar, encontramos tal volume de correspondência que seria preciso um mês inteiro para responder, sem fazermos mais nada. Considerando que diariamente vem um novo contingente, sem prejuízo das ocupações correntes e estritamente obrigatórias, compreender-se-á a impossibilidade *material* em que nos encontramos para fazer face a semelhante trabalho. Dissemos, e ainda o repetimos: estamos longe de nos lastimarmos pelo número de cartas que nos escrevem, pois elas provam a extensão imensa que toma a doutrina e o ponto de vista moral e filosófico sob o qual é encarada, onde quer que penetre. São preciosos arquivos para o Espiritismo; entretanto, mais uma vez somos forçados a pedir indulgência pela impontualidade em responder. Só este trabalho absorveria o tempo de duas pessoas e nós somos *só*. Daí resulta que muitas coisas ficam em suspenso, razão do atraso da publicação de várias obras que havíamos anunciado.

Esperamos que dia virá em que teremos uma colaboração permanente e assídua, a fim de que tudo possa marchar satisfatoriamente; os Espíritos no-la prometem. Enquanto esperamos, não há alternativa: é preciso descurar da correspondência, ou dos outros trabalhos, que aumentam à medida que cresce a doutrina.

Os Mistérios da Torre de São Miguel, em Bordeaux

HISTÓRIA DE UMA MÚMIA

Num dos jazigos subterrâneos da torre de São Miguel, em Bordeaux, vê-se um certo número de cadáveres mumificados que, talvez, não remontem a mais de dois ou três séculos, tendo sido, ao que parece, levados àquele estado pela natureza do solo. São uma das curiosidades da cidade, que os estranhos não deixam de visitar. Todos os corpos têm a pele inteiramente apergaminhada; na maioria estão conservados, de modo a permitir que se distingam os traços do rosto e a expressão da fisionomia; muitos têm as unhas de uma frescura admirável; alguns ainda conservam restos das roupas e, até mesmo, rendas finíssimas.

Entre essas múmias, uma em particular desperta atenção: a de um homem, cujas contrações do corpo, do rosto e dos braços, levados à boca, não deixam a menor dúvida quanto ao gênero de morte: é evidente que foi enterrado vivo e que morreu nas convulsões de terrível agonia.

Um novo jornal de Bordeaux publica um folhetim, sob o título de *Mistérios da Torre de São Miguel*. Só conhecemos a obra de nome e pelos grandes cartazes afixados nos muros da cidade, representando o jazigo subterrâneo da torre. Por isso, não sabemos em que espírito foi concebido, nem a fonte da qual o autor recolheu os fatos que descreve. O que vamos referir tem, ao menos, o mérito de não ser fruto da imaginação humana, pois vem diretamente do além-túmulo, o que talvez faça rir bastante o autor em questão. Seja como for, cremos que esse relato é um dos episódios mais surpreendentes dos dramas passados naquele lugar. Será lido por todos os espíritas com tanto mais interesse quanto encerra um profundo ensinamento. É a história de um homem enterrado vivo e de duas outras pessoas a ele ligadas, obtida numa série de evocações feitas na Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angely, em

agosto último, de que nos deram conhecimento quando por lá passamos. No que concerne à autenticidade dos fatos, faremos referência na observação que fecha este artigo.

**(Saint-Jean d'Angely, 9 de agosto de 1862 – Médiun: Sr. Del...,
pela tiptologia)**

1. Pergunta ao guia protetor: Podemos evocar o Espírito que animou o corpo que se vê no jazigo subterrâneo da torre de São Miguel, em Bordeaux, e que parece ter sido enterrado vivo?

Resp. – Sim, e que isto sirva de ensinamento.

2. Evocação.

Resp. – (O Espírito manifesta sua presença)

3. Poderíeis dizer o vosso nome quando animáveis o corpo de que falamos?

Resp. – Guillaume Remone.

4. Vossa morte foi uma expiação ou uma prova, escolhida com vistas ao vosso progresso?

Resp. – Meu Deus! por que, na tua bondade, seguir a tua sagrada justiça? Sabeis que a expiação é sempre obrigatória e quem cometeu um crime não pode evitá-la. Eu estava neste caso: é tudo quanto posso dizer. Depois de muito sofrimento, cheguei a reconhecer meus erros e experimento o arrependimento necessário para alcançar graça diante do Eterno.

5. Podeis dizer qual foi o vosso crime?

Resp. – Eu havia assassinado minha esposa em seu leito.

(10 de agosto – Médiun: Sra. Guérin, pela escrita)

6. Antes da reencarnação, quando escolhestes o gênero de provas, sabíeis que seríeis enterrado vivo?

Resp. – Não; apenas sabia que devia cometer um crime odioso, que encheria minha vida de ardentes remorsos e que a vida terminaria em dores atrozes. Em breve reencarnarei. Deus teve piedade de minha dor e de meu arrependimento.

Observação – Esta frase: *Eu sabia que devia cometer um crime*, é explicada adiante, nas perguntas 30 e 31.

7. A justiça perseguiu alguém por ocasião da morte de vossa esposa?

Resp. – Não; acreditaram numa morte súbita. Eu a tinha sufocado.

8. Que motivo vos levou a esse ato criminoso?

Resp. – O ciúme.

9. Foi por descuido que vos enterraram vivo?

Resp. – Sim.

10. Lembrai-vos dos instantes da morte?

Resp. – Foi algo terrível, impossível de descrever. Imaginai estar numa fossa, com dez pés de terra em cima, querer respirar e faltar o ar, querer gritar: “Estou vivo!” e sentir a voz abafada; ver-se morrer e não poder pedir socorro; sentir-se cheio de vida e riscado da lista dos vivos; ter sede e não poder saciá-la; sentir as dores da fome e não poder fazê-la cessar; numa palavra, morrer numa raiva de danado.

11. Naquele momento supremo pensastes que era o momento da vossa punição?

Resp. – Nada pensei. Morri furioso, batendo nas paredes do caixão, dele querendo sair vivo a todo custo.

Observação – Esta resposta é lógica e se justifica pelas contorções vistas ao se examinar o cadáver, em meio às quais o indivíduo morreu.

12. Já desprendido, vosso Espírito viu o corpo de Guillaume Remone?

Resp. – Logo depois da morte eu ainda me via na terra.

13. Quanto tempo ficastes nesse estado, isto é, com o Espírito ligado ao corpo, embora já não o animasse?

Resp. – Cerca de 15 a dezoito dias.

14. Quando foi possível deixar o corpo, onde vos encontrastes?

Resp. – Vi-me cercado por uma multidão de Espíritos, como eu tomados de dor, não ousando levantar para Deus o coração, ainda ligado à Terra, e desesperançado de receber o seu perdão.

Observação – Ligado ao corpo, e sofrendo ainda a tortura dos últimos instantes, pois se achava entre Espíritos sofredores, sem esperança de perdão, não é o inferno, com seu choro e ranger de dentes? Haverá necessidade de se construir um forno com chamas e tridentes? Como se sabe, a crença na perpetuidade dos sofrimentos é um dos castigos infligidos aos Espíritos culpados. Tal estado durará enquanto os Espíritos não se arrependem e duraria sempre, caso jamais se arrependessem, pois Deus só perdoa ao pecador arrependido. Desde que o arrependimento lhe entre no coração, um raio de esperança far-lhe-á entrever a possibilidade de um termo a seus males. Mas não basta o mero arrependimento; Deus quer a expiação e a reparação, e é pelas reencarnações sucessivas que Ele dá aos Espíritos imperfeitos a possibilidade de se melhorarem. Na erraticidade eles tomam resoluções que procuram executar na vida corporal. É assim que, em cada existência, deixando algumas impurezas, conseguem aperfeiçoar-se gradualmente e dão um passo à frente para a felicidade eterna. Assim, a porta da felicidade jamais lhes é fechada, sendo atingida num tempo mais ou menos longo, conforme a vontade e o trabalho que fizerem sobre si mesmos para o merecerem.

Não se pode admitir a onipotência de Deus sem a presciência. Sendo assim, pergunta-se por que Deus, ao criar uma alma, sabendo que devia falir sem poder erguer-se, a tirou do nada para destiná-la a tormentos eternos? Quis, então, criar almas infelizes? Tal proposição é inconciliável com a idéia da bondade infinita, que é um de seus atributos essenciais. De duas uma: ou Ele sabia, ou não sabia; se não sabia, não é onipotente; se sabia, nem é justo nem bom. Ora, tirar uma parcela do infinito dos atributos de Deus é negar a

Divindade. Ao contrário, tudo se concilia com a possibilidade deixada ao Espírito de reparar suas faltas. Deus sabia que, em virtude de seu livre-arbítrio, o Espírito faliria, mas sabia, igualmente, que se ergueria. Sabia que, tomando o mau caminho, retardaria a chegada; contudo, mais cedo ou mais tarde, chegaria; e é para fazê-lo chegar mais depressa que multiplica os avisos sobre o caminho. Será mais culpado se não os escutar e merece o prolongamento das provas. Qual a mais racional dessas duas doutrinas?

A. K.

(11 de agosto)

15. Nossas perguntas vos seriam desagradáveis?

Resp. – Isto me lembra pungentes recordações. Mas agora, que entrei em graça pelo arrependimento, sinto-me feliz por poder dar minha vida como exemplo, a fim de prevenir meus irmãos contra as paixões que poderiam arrastá-los, como a mim.

16. Comparado com o de vossa esposa, vosso gênero de morte nos leva a supor que vos tenham aplicado a pena de talião e que em vós se realizaram estas palavras do Cristo: “Quem fere com a espada morrerá pela espada”⁵². Quereis dizer como sufocastes a vossa vítima?

Resp. – Em seu leito, como disse, entre duas almofadas, depois de amordaçá-la, para impedir que gritasse.

17. Gozáveis de boa reputação entre os vizinhos?

Resp. – Sim. Era pobre, mas honesto e estimado. Minha esposa também era de uma família honrada. Aconteceu numa noite, em que o ciúme me deixara acordado, que vi sair um homem de seu quarto. Ébrio de furor, e não sabendo o que fazia, tornei-me culpado do crime que vos revelei.

18. Revistes a esposa no mundo dos Espíritos?

Resp. – Foi o primeiro Espírito que se me apresentou à vista, como que para censurar meu crime. Eu a vi durante muito

52 N. do T.: Mateus, 26:52.

tempo, também infeliz. Só depois que foi decidido que eu reen-carnaria é que me livreí de sua presença.

Observação – A visão incessante das vítimas é um dos castigos mais comuns infligidos aos Espíritos criminosos. Os que mergulham nas trevas, o que é muito freqüente, geralmente não podem escapar. Nada vêem, a não ser aquilo que lhes pode lembrar o crime.

19. Pediste a ela que vos perdoasse?

Resp. – Não. Fugíamos incessantemente um do outro e nos encontrávamos sempre frente a frente, a fim de nos torturarmos reciprocamente.

20. Entretanto, no momento do arrependimento, foi necessário que lhe pedísseis perdão?

Resp. – Desde que me arrependi não mais a vi.

21. Sabeis onde se encontra ela agora?

Resp. – Não sei o que lhe sucedeu, mas vos será fácil colher informações com São João Batista, vosso guia espiritual.

22. Quais foram os vossos sofrimentos como Espírito?

Resp. – Eu estava cercado de Espíritos desesperados; eu mesmo imaginava que jamais sairia desse estado infeliz. Nenhum vislumbre de esperança brilhava para minha alma endurecida. A visão da vítima rematava o meu martírio.

23. Como chegastes a um estado melhor?

Resp. – Do meio de meus irmãos em desespero, certo dia divisei uma meta, que logo compreendi só poder atingir pelo arrependimento.

24. Qual foi essa meta?

Resp. – Deus, do qual, mau grado seu, todos têm uma idéia.

25. Já dissestes duas vezes que em breve iríeis reencarnar. Seria indiscrição perguntar que gênero de prova escolheste?

Resp. – A morte ceifará todos os seres que me forem caros e eu mesmo sofrerei as mais abjetas enfermidades.

26. Sois feliz agora?

Resp. – Em termos relativos, sim, pois entrevejo um termo aos sofrimentos. De fato, não.

27. Desde o momento em que caíste em letargia, até o despertar no caixão, viste e ouvistes o que se passava ao redor?

Resp. – Sim, mas tão vagamente que julgava sonhar.

28. Em que ano morrestes?

Resp. – Em 1612.

29. [A São João Batista] Não teria G. Remone, como punição, sido obrigado a anuir à nossa evocação para confessar o crime? Isto parece resultar de sua primeira resposta, na qual fala da justiça de Deus.

Resp. – Sim. Foi forçado, mas se resignou de boa vontade, quando viu um meio a mais de agradecer a Deus, servindo aos vossos estudos.

30. Por certo o Espírito equivocou-se quando disse (questão 6): “Eu sabia que devia cometer um crime.” Provavelmente sabia estar exposto a cometer um crime, mas, dotado de livre-arbítrio, bem podia não sucumbir à tentação.

Resp. – Ele se explicou mal. Deveria ter dito: “Sabia que minha vida estaria cheia de remorsos.” Era livre para escolher outro gênero de prova. Ora, para sentir remorsos, é preciso imaginar que cometesse uma ação má.

31. Não se poderia admitir que só tivesse tido o livre-arbítrio no estado de erraticidade, ao escolher tal ou qual prova?

Isto é, uma vez escolhida a prova, não mais teria, como encarnado, liberdade de não cometer a ação, devendo o crime, desse modo, ser cometido necessariamente?

Resp. – Ele podia evitá-lo. Era dotado de livre-arbítrio na condição de Espírito e como encarnado; podia, pois, resistir, mas as paixões o arrastaram.

Observação – Evidentemente o Espírito não se dava perfeita conta da situação; confundiu a prova, isto é, a tentação de fazer, com a ação. E como sucumbiu, acreditou numa ação fatal, por ele mesmo escolhida, o que não seria racional. O livre-arbítrio é o mais belo privilégio do Espírito humano e uma prova incontestável da justiça de Deus, que torna o Espírito o árbitro de seu destino, pois dele depende abreviar o sofrimento ou prolongá-lo por seu endurecimento e má vontade. Supor que pudesse perder a liberdade moral como encarnado, seria tirar-lhe a responsabilidade de seus atos. Por aí se pode ver que não devemos admitir certas respostas dos Espíritos senão após maduro exame, sobretudo quando não se conformam com a lógica em todos os pontos.

A. K.

32. É lícito supor possa um Espírito escolher como prova uma vida de crimes, desde que tenha escolhido o remorso, que mais não é que a infração da lei divina?

Resp. – Pode escolher a prova e a ela ser exposto; como, porém, tem livre-arbítrio, pode também não falir. Assim, G. Remone havia escolhido uma vida cheia de desgostos domésticos, que, ao suscitar a idéia do crime, devia encher-lhe a vida de remorsos, se o realizasse. Quis, pois, tentar essa prova na expectativa de sair vitorioso.

Vossa linguagem está tão pouco em harmonia com a maneira de se comunicarem os Espíritos que muitas vezes se tornam necessárias retificações em algumas frases, dadas pelos médiuns, sobretudo dos médiuns intuitivos. Pela combinação dos fluidos nós lhes transmitimos a idéia, que traduzem mais ou menos bem, conforme seja mais ou menos fácil a combinação entre o fluido do nosso perispírito e o fluido animal do médium.

A ESPOSA DE REMONE
(12 de agosto)

33. [A São João] Poderíamos evocar o Espírito da esposa de G. Remone?

Resp. – Não; ela está reencarnada.

34. Na Terra?

Resp. – Sim.

35. Se não a podemos evocar como Espírito errante, poderíamos fazê-lo como encarnado? E não poderíeis dizer-nos quando estará dormindo?

Resp. – Podeis fazê-lo neste momento, porque, para esse Espírito, as noites são os dias para vós.

36. Evocação do Espírito da esposa de Remone.

Resp. – (O Espírito se manifesta).

37. Lembrai-vos da existência em que éreis chamada de Sra. Remone?

Resp. – Sim. Oh! por que me recordar minha vergonha e minha infelicidade?

38. Se estas perguntas vos causam algum desgosto, nós pararemos.

Resp. – Por obséquio, fazei-as.

39. Nosso objetivo não é vos causar desgosto. Não vos conhecemos e talvez jamais vos conheçamos. Queremos apenas fazer estudos espíritas.

Resp. – Meu Espírito está tranqüilo; por que agitá-lo com lembranças dolorosas? Não poderíeis fazer tais estudos com Espíritos errantes?

40. [A São João] Devemos cessar as perguntas, que parecem despertar neste Espírito aflitiva recordação?

Resp. – Eu vo-lo aconselho. É ainda uma criança e a fadiga do seu Espírito reagiria sobre o corpo. Aliás, seria mais ou menos a repetição do que já disse o marido.

41. Remone e a esposa se perdoaram reciprocamente?

Resp. – Não; para isso é necessário que alcancem um grau de perfeição mais elevado.

42. Se esses dois Espíritos se reencontrassem na Terra como encarnados, que sentimentos experimentariam um pelo outro?

Resp. – Apenas antipatia.

43. Se G. Remone revisse, como visitante, o seu corpo no jazigo subterrâneo de São Miguel, experimentaria uma sensação desconhecida pelos outros curiosos?

Resp. – Sim; mas tal sensação parecer-lhe-ia muito natural.

44. Ele reviu o corpo desde que foi retirado da Terra?

Resp. – Sim.

45. Quais foram as suas impressões?

Resp. – Nulas. Sabeis perfeitamente que os Espíritos, uma vez desprendidos de seu invólucro, vêem as coisas terrenas de modo diverso do dos encarnados.

46. Poderíamos obter algumas informações sobre a posição atual da esposa de Remone?

Resp. – Perguntai.

47. Qual é hoje o seu sexo?

Resp. – Feminino.

48. Seu país natal?

Resp. – Ela está nas Antilhas, como filha de um rico negociante.

49. As Antilhas pertencem a várias potências. Qual a sua nação?

Resp. – Mora em Havana.

50. Poderíamos saber o seu nome?

Resp. – Não o pergunteis.

51. Qual a sua idade?

Resp. – Onze anos.

52. Quais serão as suas provas?

Resp. – A perda da fortuna; um amor ilegítimo e sem esperança, aliados à miséria e aos trabalhos mais penosos.

53. Dizeis um amor ilegítimo. Amará, talvez, seu pai, o irmão ou um dos seus?

Resp. – Amará um homem consagrado a Deus, só e sem esperança de ser correspondida.

54. Agora que conhecemos as provas desse Espírito, se o evocássemos de vez em quando durante o sono, em seus dias de infortúnio, não poderíamos dar-lhe alguns conselhos para reerguer sua coragem e depositar sua esperança em Deus? Isto influiria sobre as resoluções que pudesse tomar em vigília?

Resp. – Muito pouco. Essa jovem já tem uma imaginação de fogo e uma cabeça de ferro.

55. Dissestes que no país em que ela vive as noites são os dias para nós. Ora, entre Havana e Saint-Jean d'Angely há uma diferença de apenas cinco horas e meia. No momento da evocação, como aqui eram duas horas, em Havana deveriam ser oito horas e meia da manhã.

Resp. – Vá lá! ela cochilava ainda quando a evocastes, ao passo que despertastes há bastante tempo. Naquelas paragens dorme-se tarde, quando se é rico e nada se tem a fazer.

Observação – Desta evocação ressaltam vários ensinamentos. Se, na vida exterior de relação, o Espírito encarnado não se lembra do seu passado, dele se recorda quando desprendido do corpo durante o sono. Não há, pois, solução de continuidade na vida do Espírito que, nos momentos de emancipação, pode lançar um olhar retrospectivo sobre suas existências anteriores e daí trazer uma intuição, que poderá dirigi-lo em estado de vigília.

Em diversas ocasiões já ressaltamos os inconvenientes que, em vigília, representaria a lembrança precisa do passado. Essas evocações nos fornecem um exemplo. Foi dito que, se G. Remone e sua esposa se encontrassem, experimentariam antipatia um pelo outro. Que seria, então, se se lembrassem das antigas relações! O ódio entre eles despertaria inevitavelmente. Em vez de dois seres apenas antipáticos ou indiferentes um para com o outro, talvez fossem inimigos mortais. Com sua ignorância, são mais eles mesmos e marcham mais livremente na nova rota que devem percorrer. A lembrança do passado os perturbaria, humilhando-os aos seus próprios olhos e aos dos outros. O esquecimento não lhes faz perder o fruto da experiência, porque nascem com aquilo que adquiriram em inteligência e em moralidade; são aquilo que se fizeram e, para eles, isto é um novo ponto de partida. Se, com as novas provas que o Sr. Remone terá de sofrer, se juntasse a lembrança das torturas de sua derradeira morte, seria um suplício atroz que Deus quis evitar, ao lançar um véu sobre o seu passado.

A. K.

JACQUES NOULIN

(15 de agosto)

56. [A São João] Podemos evocar o cúmplice da esposa de Remone?

Resp. – Sim.

57. Evocação.

Resp. – (O Espírito se manifesta).

58. Jurai em nome de Deus que sois o Espírito daquele que foi o rival de Remone.

Resp. – Jurarei em nome de tudo o que quiserdes. – Jurai em nome de Deus. – *Resp.* – Juro em nome de Deus.

59. Parece que não sois um Espírito muito adiantado.

Resp. – Cuidai dos vossos negócios e deixai que eu me vá.

Observação – Como não há portas fechadas para os Espíritos, se este pede que o deixem ir, é que um poder superior o obriga a ficar, certamente para a sua instrução.

60. Ocupamo-nos dos nossos negócios, porque queremos saber como, na outra vida, a virtude é recompensada e o vício castigado.

Resp. – Sim, caríssimo, cada um recebe recompensa ou punição, conforme suas obras. Tratai, pois, de andar direito.

61. Vossas fanfarronices não nos intimidam; depositamos nossa confiança em Deus. Mas pareceis ainda muito atrasado.

Resp. – Como antes, sou sempre o João-Grande.

62. Então não podeis responder seriamente a perguntas sérias?

Resp. – Ó gente séria, por que vos dirigis a mim? Prefiro rir a filosofar. Sempre gostei da boa mesa, das mulheres afáveis e do bom vinho.

63. [Ao anjo-da-guarda do médium] Podeis dar-nos algumas informações sobre este Espírito?

Resp. – Não é bastante avançado para vos dar boas razões.

64. Haveria perigo em entrar em comunicação com ele? Poderíamos despertar-lhe melhores sentimentos?

Resp. – Isso seria mais proveitoso a ele do que a vós. Tentai; talvez possais decidi-lo a encarar as coisas de outro ponto de vista.

65. [Ao Espírito] Sabeis que o Espírito deve progredir e, por reencarnações sucessivas, chegar até Deus, de quem pareceis afastado?

Resp. – Jamais havia pensado nisto. E como estou longe dEle! Não quero empreender tão longa viagem.

Observação – Eis um Espírito que, em razão de sua leviandade e pouco adiantamento, não suspeita da reencarnação. Quando lhe chegar o momento de retomar uma nova existência, que escolha poderá fazer? Evidentemente uma escolha em conformidade com seu caráter e com seus hábitos, a fim de gozar e não de expiar, até que seu Espírito se ache bastante desenvolvido para lhe compreender as conseqüências. É a história do garoto inexperiente, que se atrai aturdidamente a todas as aventuras e que adquire experiência às próprias custas. Lembremos que, para os Espíritos atrasados, incapazes de fazer uma escolha com conhecimento de causa, há encarnações compulsórias.

A. K.

66. Conhecestes G. Remone?

Resp. – Sim; na verdade um pobre diabo.

67. Suspeitastes que ele tivesse assassinado a esposa?

Resp. – Eu era um pouco egoísta, ocupando-me mais de mim que dos outros. Quando soube da morte da mulher chorei sinceramente, mas não procurei saber a causa.

68. Qual era, então, a vossa posição?

Resp. – Eu era um simples auxiliar de portaria; um contínuo, como se diz hoje.

69. Depois da morte daquela mulher, pensastes nela alguma vez?

Resp. – Não me lembreis tudo isto.

70. Queremos que vos lembreis porque pareceis melhor do que revelais.

Resp. – Pensei nisto algumas vezes, mas, como era naturalmente despreocupado, sua lembrança passava como um relâmpago, sem deixar traços.

71. Qual era o vosso nome?

Resp. – Sois muito curioso; se eu não fosse forçado, já vos teria deixado com a vossa moral e os vossos sermões.

72. Vivíeis num século religioso. Então nunca orastes pela mulher que amáveis?

Resp. – É assim mesmo.

73. Revistes G. Renome e sua esposa no mundo dos Espíritos?

Resp. – Fui encontrar gente como eu; e quando aqueles chorões queriam mostrar-se eu lhes voltava as costas. Não gosto de causar desgosto e...

74. Continuai.

Resp. – Não sou tão tagarela quanto vós. Vou ficar por aqui, caso consintais.

75. Sois feliz hoje?

Resp. – Por que não? Divirto-me em pregar peças nas pessoas crédulas, que julgam tratar com os Espíritos bons. Desde que se ocupam conosco, nós pregamos boas peças.

76. Isto não é felicidade. A prova de que não sois feliz é que dissestes que fostes forçado a vir. Ora, não é feliz quem é forçado a fazer aquilo que o desagrada.

Resp. – A gente não tem sempre superiores? Isto não impede de ser feliz. Cada um agarra a felicidade onde a encontra.

77. Com algum esforço, principalmente pela prece, poderíeis alcançar a felicidade daqueles que vos comandam.

Resp. – Não pensei nisto. Ireis tornar-me ambicioso. Não me enganais sempre? Não inquieteis à-toa o meu pobre Espírito.

78. Não vos enganamos. Trabalhai, pois, pelo vosso adiantamento.

Resp. – É preciso dar que fazer e eu sou preguiçoso.

79. Quando se é preguiçoso, pede-se a um amigo que nos ajude. Nós vos ajudaremos, orando por vós.

Resp. – Orai, então, para que eu mesmo me decida a orar.

80. Oraremos, mas orai também.

Resp. – Credes que se eu orasse teria idéias semelhantes às vossas?

81. Sem dúvida; mas orai igualmente. Nós vos evocaremos na quinta-feira, 21, para ver o progresso que tereis feito e vos dar conselhos, caso isto vos agrade.

Resp. – Então, até logo.

82. Agora quereis dar o vosso nome?

Resp. – Jacques Noulin.

No dia seguinte o Espírito foi evocado novamente e lhe foram feitas várias perguntas sobre a esposa de Remone. Suas respostas, pouco edificantes, foram do gênero das primeiras. Consultado, São João respondeu: “Laborastes em erro ao perturbar este Espírito, nele despertando suas antigas paixões. Teria sido melhor esperar o dia marcado; ele se achava em nova perturbação; vossa perturbação o havia lançado em idéias de outra ordem, completamente diferentes das suas idéias habituais. Ainda não tinha podido tomar uma decisão firme, embora se dispusesse a experimentar a prece. Não intervenham até o dia marcado. Daqui até lá, se ele escutar os Espíritos bons, que vos querem ajudar em vossa boa obra, podereis obter alguma coisa dele.”

(Quinta-feira, 21)

83. [A São João]. Depois da última evocação Jacques Noulin emendou-se?

Resp. – Ele orou, e a luz se fez para a sua alma; agora acredita que está destinado a tornar-se melhor e se dispôs a trabalhar.

84. Que marcha devemos seguir em seu interesse?

Resp. – Perguntai-lhe pelo estado atual de sua alma e fazei-o olhar para si mesmo, a fim de que se dê conta de sua mudança.

85. [A Jacques Noulin]. Já refletistes, como prometestes? Podeis dizer qual é hoje a vossa maneira de encarar as coisas?

Resp. – Antes de tudo quero vos agradecer. Poupaste-me muitos anos de cegueira. Desde alguns dias compreendo que Deus é o meu objetivo e que devo envidar todos os esforços para me tornar digno de chegar até Ele. Abre-se para mim uma nova era: as trevas se dissiparam e agora vejo o caminho que devo seguir. Tenho o coração cheio de esperança e sou sustentado pelos Espíritos bons que vêm em auxílio dos fracos. Vou seguir esta nova via, na qual já encontrei a tranqüilidade e que me deve levar à felicidade.

86. Éreis realmente feliz, como dissestes?

Resp. – Agora vejo que era muito infeliz; mas eu me sentia feliz, como todos aqueles que não olham para cima. Não pensava no futuro; como na Terra, vagava tal qual um ser despreocupado, não me dando ao trabalho de pensar seriamente. Oh! como deploro a cegueira, que me fez perder um tempo tão precioso! Ganhastes um amigo, não o esqueçais. Chamai-me quando quiserdes e, se puder, virei.

87. Que pensam de vossa disposição os Espíritos com os quais vos reuníeis habitualmente?

Resp. – Zombam de mim por ter escutado os Espíritos bons, cuja presença e conselho nós detestávamos.

88. Seria permitido que fôsseis vê-los?

Resp. – Agora só me ocupo com o meu adiantamento. Aliás, os bons anjos que velam por mim e me cercam de cuidados não me permitem mais olhar para trás, salvo para me mostrarem a que aviltamento cheguei.

Observação – Certamente não existe nenhum meio material de constatar a identidade dos Espíritos que se manifestaram nas evocações acima; assim, não o afirmaremos de maneira absoluta. Fazemos esta restrição para os que crêem que aceitamos cegamente tudo quanto vem dos Espíritos. Preferimos pecar por excesso de desconfiança. É que devemos evitar dar como verdade absoluta aquilo que não pode ser controlado. Ora, na ausência de provas positivas, devemos limitar-nos a constatar a possibilidade e buscar as provas morais, em falta de provas físicas. No fato em questão, as respostas têm um caráter evidente de probabilidade, principalmente de alta moralidade; aí não se vê nenhuma contradição, nem faltas de lógica que chocam o bom-senso e denunciam o embuste; tudo se liga e se encadeia perfeitamente; tudo concorda com o que já demonstrou a experiência. Pode, pois, dizer-se que a história é, ao menos, verossímil, o que já é muito. O que é certo é que não se trata de um romance inventado pelos homens, mas, sim, de uma obra mediúnica. Se fosse uma fantasia do Espírito, só poderia vir de um Espírito leviano, pois os Espíritos sérios não se divertem em contar histórias e os levianos sempre se deixam trair. Acrescentemos que a Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angely é um dos centros mais sérios e mais bem dirigidos que já vimos, constituída por pessoas tão recomendáveis pelo caráter quanto pelo saber, levando, por assim dizer, o escrúpulo ao excesso. Pode-se julgá-la pela sabedoria e pelo método com que as perguntas são apresentadas e formuladas. Assim, todas as comunicações ali obtidas atestam a superioridade dos Espíritos que se manifestam. As evocações acima foram feitas em excelentes condições, tanto pelo meio quanto pela natureza dos médiuns. Para nós é, pelo menos, uma garantia de sinceridade absoluta. Acrescentaremos que a veracidade do relato foi atestada da maneira mais explícita por vários dos melhores médiuns da Sociedade de Paris.

Encarando a coisa apenas do ponto de vista moral, apresenta-se uma grave questão. Eis dois Espíritos, Remone e Noulin, tirados de sua situação e trazidos a melhores sentimentos pela evocação e pelos conselhos que lhes foram dados. Pode perguntar-se se teriam continuado infelizes, caso não tivessem sido evocados, e o que acontece com todos os Espíritos sofredores que

não são evocados? A resposta já foi dada na *História de um danado* (Espírito de Castelnaudary), publicada na *Revista* de 1860. Acrescentaremos que, tendo chegado a esses dois Espíritos o momento em que poderiam ser tocados pelo arrependimento e receber a luz, circunstâncias providenciais, embora fortuitas em aparência, provocaram sua evocação, quer para o seu bem, quer para a nossa instrução. A evocação era um meio, mas, em falta desta, Deus não se veria privado de recursos para vir em auxílio aos infelizes; e podemos estar certos de que todo Espírito que quiser progredir sempre encontrará assistência, de uma maneira ou de outra.

A. K.

Remédio dado pelos Espíritos

Este título fará sorrir os incrédulos. Que importa! Eles riram de muitas outras coisas, o que não as impediu de serem reconhecidas como verdades. Os Espíritos bons se interessam pelos sofrimentos da Humanidade. Não é, pois, de admirar que busquem aliviá-los e, em muitas ocasiões, provaram que o podem, quando bastante elevados para disporem dos necessários conhecimentos, porquanto vêem o que não podem ver os olhos do corpo; prevêem o que o homem não pode prever.

O remédio de que se cuida foi dado nas circunstâncias seguintes à Srta. *Hermance Dufaux*⁵³, a qual nos remeteu a fórmula com autorização de publicá-la, em benefício dos que dela necessitassem. Um de seus parentes, falecido há muito tempo, havia trazido da América a receita de um unguento, ou, melhor, de uma pomada, de maravilhosa eficácia para toda sorte de chagas ou feridas. Com sua morte, perdeu-se a receita, cujo conhecimento não foi dado a ninguém. A Srta. Dufaux estava afetada de um mal na perna, muito grave e muito antigo, e que havia resistido a todos os tratamentos. Cansada de ter empregado inutilmente tantos remédios, um dia perguntou ao seu Espírito protetor se para ela não haveria cura possível. “Sim”, respondeu ele. “Usa a pomada de

53 Médium que escreveu a história de Joana d'Arc.

teu tio.” – Mas sabeis perfeitamente que a receita se perdeu. – “Eu vou ta dar”, disse o Espírito. Depois ditou o seguinte:

Açafrão	20 centigramas
Cominho	4 gramas
Cera amarela	31 a 32 gramas
Óleo de amêndoas doces	1 colher

Derreter a cera e pôr em seguida o óleo de amêndoas doces; juntar o cominho e o açafrão acondicionados num saquinho de pano e ferver, em fogo brando, durante dez minutos. Para usar, deita-se a pomada num pedaço de pano, aplicando-a sobre a parte doente. Repetir diariamente.

Tendo seguido a prescrição, em poucos dias a perna da Srta. Dufaux estava cicatrizada e a pele restaurada. Desde então se sente bem, não lhe sobrevindo nenhum acidente.

Felizmente a sua lavadeira também foi curada de mal idêntico.

Um operário se ferira com um fragmento de foice, o qual penetrou profundamente na ferida, produzindo inchaço e supuração. Falavam em amputar-lhe a perna. Com o emprego daquela pomada o edema desapareceu, cessou a supuração e o pedaço de ferro saiu da ferida. Em oito dias aquele homem pôde caminhar e retornou ao trabalho.

Aplicada sobre furúnculos, abscessos, panarícios, ela os faz irromper em pouco tempo e logo cicatrizar. Atua extraindo da chaga os princípios mórbidos, saneando-a e provocando, se for o caso, a saída de corpos estranhos, como lascas de ossos, de madeira, etc.

Parece que é também muito eficaz para os dartros e, em geral, para todas as afecções da pele.

Como se vê, sua composição é muito simples, fácil e, em todo o caso, inofensiva. Pode-se, pois, experimentá-la sem receio.

Poesias Espíritas

(Bordeaux – Médium: Sra. E. Collignon)

MEU TESTAMENTO

Posto que assim, rimado, ele mau não será,
Compreendamos. Exalto nele assim
 Não é a rima: ela é ruim;
 É o sentido... Ao Diabo a gíria vá!
O espírito da coisa, ah, que ele não se esquive;
Compreenda-o quem possa: O Espírito é que vive.
 É assim que entendo pois o termo.
Eu que ainda não sou mas em breve hei de ser, –
Ao menos é o que espero, – e lá comparecer,
 Não como um tolo no seu ermo,
Mas como um pobre Ser humilde, arrependido,
Esperando no Pai ser então compreendido,
E contando alcançar o reino dos eleitos,
Mais por bondade Sua em face aos meus defeitos!
Expliquemo-nos mais, que sempre me equivoco;
É a bondade de Deus que eu sempre aqui invoco;
 Reassumindo a minha crença,
 Portanto antes de ouvir minha sentença
 Que me condene ou justifique,
Eu quero consertar como puder,
 As contas que assumi pondo-me a pique.
Umás confessarei conforme a lei requer
Trago-as no coração. Como o fazer vejamos
Para tudo arranjar e do modo melhor.
Não é isto entre nós um negócio, entendamos!
Meu Espírito, assim que do corpo se for,
Reclamará de vós uma terna oração
 Que sirva então de passaporte
 A quem a morte

Lhe faz seu pó entregue ao chão.
 Assim, o meu sepultamento
 Pensar se faz preciso, presto
 E, sem qualquer constrangimento,
 Seja um enterro bem modesto.

Aliás, neste mundo eu fui sempre chocado
 Ante as tumbas ao ver tal luxo acumulado,
 Quando à massa de argila então fazem entrega
 Do pouco que formados fomos.
 Ocupar-nos por que de uma glória tão cega?
 Quantos perdidos por excesso de assomos!
 A prece enviada a Deus Sua clemência alcança;
 Nós o cremos; também tenho nela esperança.
 Mas por que só por uns apenas pedir mais?
 E para isso por que tantos petrechos tais?
 Por que um que é infeliz e na miséria morre
 O concurso não tem da prece que socorre?
 Por que, pois, exhibir luxo assim tão custoso
 Que inveja fez gerar no que a tal se iludira?
 É pra o homem enganar sobre um céu venturoso?
 Se é para ele enganar, anátema à mentira!
 Mas se é para atrair as graças do Senhor,
 Oraí, antes, então pelos que sem amor
 Pensam achá-lo nas riquezas,
 Tendo sofrido tanto, anseiam tais larguezas
 Que não vos custam um vintém!
 Mesmo vendo-me um tolo, apercebei-vos bem:
 Meu pobre Espírito ao partir,
 Somente em prece quer a Deus se conduzir
 Com o coração,
 A única me crede, e que Ele escuta então.
 Sem gastos me levai, sem pompas, sem fanal;
 E bem contrário ao usual,
 Com vossos olhos bem radiantes!
 Em vez de lágrimas marcantes
 Sustentai ares de alegria!
 Nem dúvida ou melancolia.
 Na fé em Deus sede constantes!

Filhos meus, não penseis que é por economia
Que meu falar assim me guia!
Pouco ocupou-se do dinheiro
Meu ser inteiro,
Julgai-me após a morte!
Pois quero em seu suporte,
Equilibrada essa balança;
E desse luxo que é abastança
Para do corpo o mal dourar,
Aos tristes faz melhor seus danos reparar.
Dessa mortalha enfim só ao morto é salubre
Se os seus adornos forem retirados.
Por uma mesma mão somos todos ceifados.
Ela é a porta do Céu, não aquela do Louvre
Que o bom São Pedro se me vir
Arrependido manda abrir.
Uma cruz de madeira, em silente eloqüência,
Faz da ofensa ao Senhor não vingança, clemência.
Pois se eleve minha alma em simpleza e honradez,
E que esse ouro perdido extinga a atroz nudez
Da criança e do velho, irmãos meus nesta vida,
Na morte meus iguais, quiçá bem mais no Céu,
Aqueles que oram de alma fida,
Aos que do bem envolve o véu!
Antes de concluir, dar-vos-ei um conselho
Que pode, aqui, ter seu lugar:
Fazei da caridade o mais fiel espelho;
E nunca vos prendais dos néscios ao julgar.
Do luxo enganador que tanto exhibe o orgulho
Sempre desconfiai. Nada iguala ao doce arrulho
De um coração no bem vivido.
Na fraqueza amparaí sempre o oprimido;
Que responda vossa alma ao grito da aflição;
E um eco encontre aí a repetir a ação.
Que, filhos, vossa mão não cesse de servir,
Com o ouro que convosco eu possa repartir;
Tesouros ajuntai para a grande viagem
Da qual, virtuoso o Ser, já não retorne mais!

Semeai sempre o bem nesta vossa romagem,
 Virtudes conquistando e, do Senhor, as luzes;
 Achareis sempre irmãos em meio às suas cruces,
 E vos conceda Deus em Sua alta bondade,
 Só terdes vós por lei o Amor e a Caridade!...

Fábulas e Poesias Diversas

POR UM ESPÍRITO BATEDOR⁵⁴

Embora a tiptologia seja um meio muito lento de comunicação, com paciência é possível obter trabalhos de fôlego. O Sr. Jaubert, de Carcassonne, houve por bem remeter-nos uma coleção de fábulas e de poesias obtidas por ele através daquele processo. Se nem todas são obras-primas, com o que o Sr. Jaubert não se sentiria ofendido, pois não lhe dá a menor importância, algumas são notáveis, abstração feita à fonte de onde procedem. Eis uma que, a despeito de não fazer parte da coleção, pode dar uma idéia do espírito daquele Espírito batedor. É dedicada à Sociedade Espírita de Bordeaux, pelo próprio Espírito.

MONÓLOGO DE UM BURRO

Fábula

Um burro, sim, – não confundir,
 Eu nunca digo mal de alguém de qualidade, –
 Um Asno bem peludo, um burro de verdade,
 Bem arreado, é bom convir
 Ralhava na estação com uma locomotiva.
 O seu olhar brilhava a uma palavra viva.
 “És tu, gritava então, tu que estás em repouso!
 “Do carneiro vizinho ouvi atencioso,
 “Que andas tu sem cavalo, ou asno, sem manobra;
 “Que ruges a arrastar qual uma imensa cobra
 “Esses caixotes, como aldeia de madeira;

54 Um vol. in-18. – Preço: 2 fr. – Em Carcassonne, L. Labau; em Paris, Ledoyen, Palais-Royal.

“Um milagre que outrora eu crera, uma besteira!
“Chegados finalmente os tempos são! sem troca!
“Eu por trigo não tomo a alfafa de uma roça;
“Sei o cardo deixar por feixe de capim.
“Ninguém tão longe vai com os pés de ferro assim.
“Eu tenho a minha regra; e na razão confio.
“Sem cavalos marchar? Só tu? Eu desafio.”
Um asno, vede vós, invocava a razão,
Chama que, muita vez, ao néscio faz perder.
Ah! quantos sábios que como um jerico são!
Doutores, vós negais do *Espírito* o poder;
Negai o movimento, a força do motor.
Do nada o homem tirou a elétrica energia?
Toda locomotiva exige, enfim, vapor;
Aos mortos evocar... só à prece que irradia
De um coração pleno de amor.

O MÉDIUM E O DR. IMBRÓGLIO

Correi, correi, doutor *Imbróglio*
A mesinha anda só: é patente, tangível
– Que nada! vou provar num in-fólio
Que a coisa não é possível.

Faremos uma observação sobre a qualificação dada ao Espírito que ditou as poesias acima citadas. Os *Espíritos* sérios rejeitam com razão o qualificativo de batedores: este título convém apenas àqueles que poderiam ser chamados de batedores profissionais, isto é, Espíritos levianos ou malévolos, que se servem de pancadas para se divertirem ou atormentarem; as coisas sérias não são da sua conta. Mas a tiptologia, como qualquer outro, é um meio para comunicações inteligentes, de que se podem servir os Espíritos mais adiantados, em falta de outro meio, embora prefiram a escrita, porque responde melhor à rapidez do pensamento. É certo dizer que, neste caso, não são eles próprios que batem; limitam-se a transmitir a idéia, deixando a execução material a Espíritos subalternos, como um escultor deixa ao aprendiz o cuidado de talhar o mármore.

A carta seguinte foi enviada pelo Sr. Jaubert ao Sr. Sabò, de Bordeaux. Temos o prazer de apresentá-la, como prova dos laços que se estabelecem entre os espíritas de diversas localidades e para edificação dos timoratos.

Senhor,

Sou sensível à vossa carta. Aceito com satisfação o título que me confere a Sociedade Espírita de Bordeaux; aceito-o como recompensa por meus insignificantes trabalhos, por minhas profundas convicções e, por que não dizê-lo? pelas amarguras passadas. Ainda hoje a nova fé é mal compreendida. Os sábios se insurgem, o clero grita que é o demônio, e alguns, convencidos, guardam silêncio. Neste século de materialismo, de apetites grosseiros, de guerras fratricidas, de apego cego e imoderado aos reinos deste mundo, Deus intervém: os mortos falam e nos encorajam. Por isso cada um de nós deve inscrever, sem temor, o nome na bandeira da causa santa. Somos sempre os soldados do Cristo. Proclamamos a grandeza, a imortalidade da alma, os laços patentes que ligam os vivos aos mortos; pregamos o amor e a caridade. Que temos a recear dos homens? Ser fraco é ser culpado. Eis por que, senhor, na medida de minhas forças, aceitei a tarefa que Deus e minha consciência me impõem. Ainda uma vez, obrigado por me haverdes admitido entre vós. Sede meu intérprete junto aos nossos irmãos de Bordeaux e contai com os meus mais afetuosos sentimentos.

J. Jaubert,
Vice-presidente do Tribunal Civil

Observação – O Espiritismo conta hoje numerosos adeptos nas fileiras da magistratura e da advocacia, bem como entre os funcionários públicos. Mas nem todos se atrevem a enfrentar a opinião pública. Esse medo, aliás, diminui diariamente e, em pouco

tempo, os galhofeiros ficarão surpreendidos por terem posto no rol dos loucos, sem qualquer cerimônia, tantos homens estimáveis por suas luzes e por sua posição social.

Dissertações Espíritas

O DUELO

(Bordeaux, 21 de novembro de 1861 – Médium: Sr. Guipon)

1^o Considerações gerais

O homem, ou Espírito encarnado, pode estar na Terra em missão, em progressão e em punição.

Isto posto, é preciso saibais, uma vez por todas, que o estado de missão, progressão ou punição deve, sob pena de recomeçar a prova, chegar ao termo fixado pelos desígnios da suprema justiça.

Adiantar por si mesmo, ou por provocação, o instante fixado por Deus para o retorno ao mundo dos Espíritos é, pois, enorme crime. O duelo é ainda um crime maior, porque não só é um suicídio, mas, além disso, um assassinato premeditado.

Com efeito, pensais que o provocado e o provocador não se suicidem moralmente ao se exporem voluntariamente aos golpes mortais do adversário? Credes que não sejam ambos assassinos, no momento em que procuram mutuamente tirar a vida por eles mesmos escolhida ou imposta por Deus como expiação ou como prova?

Sim, eu to digo, meu amigo: os duelistas são duplamente criminosos aos olhos de Deus; duas vezes terrível será a punição, porquanto nenhuma desculpa será admitida, desde que tudo calcularam com frieza e premeditação.

Leio em teu coração, meu filho, porque também foste um pobre transviado, e eis minha resposta.

Para não sucumbir a essa terrível tentação não necessitais senão de *humildade, sinceridade e caridade* para com vosso irmão em Deus. Ao contrário, só sucumbireis pelo orgulho e pela ostentação.

2ª *Conseqüências espirituais*

Aquele que, por *humildade*, como o Cristo tiver suportado o maior ultraje e, por amor de Deus, perdoado de coração, além das recompensas celestes da outra vida, terá a paz de coração nesta e uma alegria inconcebível por haver respeitado duas vezes a obra de Deus.

Aquele que, por caridade para com o próximo, lhe houver provado seu amor fraterno, terá na outra vida a santa proteção e o concurso todo-poderoso da gloriosa mãe do Cristo, pois ela ama e abençoa os que cumprem os mandamentos de Deus, os que seguem e praticam os ensinamentos de seu Filho.

Aquele que, a despeito de todos os ultrajes, tiver respeitado a sua e a existência de seu irmão, encontrará, ao retornar ao mundo etéreo, milhões de legiões de Espíritos bons e de Espíritos puros que virão, *não honrá-lo por sua ação*, mas provar, por seu desvelo em lhe facilitar os primeiros passos na nova existência, a simpatia que soube atrair e os verdadeiros amigos que fez entre eles, seus irmãos. Todos em conjunto elevarão a Deus sinceras ações de graça por sua misericórdia, que permitiu ao seu irmão resistir à tentação.

Aquele, digo eu, que tiver resistido a essas tristes tentações, pode esperar, não a mudança dos desígnios de Deus, que são imutáveis, mas contar com a sincera e afetuosa benevolência do Espírito de Verdade – o filho de Deus – o qual de maneira incomparável inundará sua alma com a felicidade de compreender

o Espírito de justiça perfeita e bondade infinita e, por conseguinte, salvaguardá-lo de qualquer outra emboscada semelhante.

Ao contrário, aqueles que, provocados ou provocadores, tiverem sucumbido, podem estar certos de que experimentarão as maiores torturas morais pela presença incessante do cadáver de sua vítima e do seu próprio; durante séculos serão consumidos pelo remorso por haverem transgredido tão gravemente os decretos celestes e serão perseguidos, até o dia da expiação, pelo *espectro terrível das duas horrendas visões de seus cadáveres ensangüentados.*

Felizes ainda se eles próprios aliviarem os sofrimentos por um arrependimento sincero e profundo, que lhes abra os olhos da alma, porque, então, ao menos entreverão um termo para as suas penas, compreenderão a Deus e lhe pedirão força de não mais provocar sua justiça terrível.

3º *Conseqüências humanas*

As palavras *dever, honra, coração*, muitas vezes são postas à frente pelos homens para justificar suas ações e seus crimes.

Compreenderão sempre tais palavras? Não resumem as intenções do Cristo? Por que, então, lhe mutilar o sentido? Por que, então, regredir ao barbarismo?

Infelizmente, na sua generalidade, os homens ainda se acham sob a influência do *orgulho* e da *ostentação*. Para se justificarem aos próprios olhos, fazem soar bem alto as palavras *dever, honra e coração*, sem suspeitarem de que estes significam *cumprimento dos mandamentos de Deus, sabedoria, caridade e amor*. Entretanto, com tais palavras degolam seus irmãos; com elas se suicidam e com elas se perdem.

Como estão cegos! julgam-se fortes por terem arrastado um infeliz, mais fraco que eles. Estão cegos, quando crêem que a aprovação de sua conduta por outros cegos e maus como eles próprios lhes suscitará a consideração humana! A mesma sociedade onde vivem os reprova e em breve os amaldiçoará, pois chega o reino da fraternidade. Entretanto, deles fogem os homens sensatos, como se fugissem das feras.

Examinemos alguns casos e veremos se o raciocínio justifica sua interpretação das palavras *dever, honra e coração*.

Um homem tem o coração trespassado de dor e a alma cheia de amargura, porque surpreendeu provas irrefutáveis da má conduta da esposa. Provoca um dos sedutores dessa pobre e infeliz criatura. Tal provocação seria resultado de seus deveres, de sua honra, de seu coração? Não, porquanto sua honra não lhe será devolvida, sua honra pessoal não foi nem pode ter sido atingida. Isto será *vingança*.

Melhor ainda. Para provar que sua pretensa honra não está em jogo, é que muitas vezes sua infelicidade é mesmo ignorada e assim ficaria se não fosse propalada por mil vozes provocadas pelo escândalo que sua *vingança* ocasiona.

Enfim, se sua desventura fosse conhecida, seria sinceramente lamentada por todos os homens sensatos, resultando numerosas provas de verdadeira simpatia, e contra ele não haveria o riso dos corações maliciosos e endurecidos, *mas desprezíveis*.

Num e noutro caso sua honra não seria devolvida nem retirada.

Assim, o orgulho é, sozinho, o mentor de quase todos os duelos, e não a honra.

Crêdes que, por uma palavra, a falsa interpretação de uma frase, o roçar insensível e involuntário de um braço ao passar,

enfim por um *sim* ou um *não* e até, por vezes, por um olhar que não lhe era dirigido, *seja* o duelista *impelido por um sentimento de honra*, a exigir uma pretensa reparação pelo assassinato e o suicídio? Oh! não duvideis: o orgulho e a *certeza de sua força* são seus únicos móveis, muitas vezes corroborados pela ostentação. Porque ele quer exhibir-se, dar prova de coragem, de saber e, às vezes, de generosidade: *Ostentação!!!*

Ostentação, repito, porque seus conhecimentos em duelos são os únicos verdadeiros; sua coragem e sua generosidade são *mentirosas*.

Quereis, realmente, provar esse espadachim corajoso? Ponde-o em frente a um rival, de reputação infernal acima da sua, embora, talvez, de saber inferior: ele empalidecerá e tudo fará para evitar o combate. Ponde-o, ao contrário, em frente a um mais fraco que ele, ignorante dessa ciência duplamente mortal, e o vereis impiedoso, altivo e arrogante, mesmo quando constrangido a ter piedade. Isto é coragem?

A generosidade! Oh! falemos disto. Ora, será generoso o homem que, confiante em sua força, depois de ter provocado a fraqueza, a esta concede a continuação de uma existência ultrajada e levada a ridículo? Será generoso aquele que, para conseguir uma coisa desejada e ambicionada, provoca seu frágil possuidor para a obter a seguir, como recompensa de sua *generosidade*? Será generoso aquele que, usando seus talentos criminosos, poupa a vida de seres fracos que injuriou? Será, ainda, generoso quando dá semelhante prova de generosidade ao marido ou ao irmão, a quem ultrajou indignamente, e assim o expor, pelo desespero, a um segundo suicídio?

Oh! meus amigos! crede todos que o duelo é uma horrenda e terrível invenção dos Espíritos maus e perversos, digna do estado de barbárie, que aflige ao máximo o nosso pai, o Deus tão bom.

Cabe a vós, espíritas, combater e destruir esse triste hábito, esse crime digno dos anjos das trevas; compete a vós, acima de tudo, dar o nobre exemplo da renúncia a tão funesto mal; a vós, espíritas sinceros, cabe fazer compreender a sublimidade destas palavras: *dever, honra e coração*; e Deus falará por vossa boca. Cabe-vos, enfim, a felicidade de semear entre vossos irmãos aquele grão tão precioso, que ignoramos em nossa existência terrena: o *Espiritismo*.

Teu pai, Antônio

Observação – Os duelos tornam-se cada vez mais raros – pelo menos na França – e se vemos ainda, de vez em quando, dolorosos exemplos, seu número não é comparável aos de outrora. Antigamente um homem não saía de casa sem prever um encontro e, em consequência, tomava todas as precauções. Um sinal característico dos costumes da época e dos povos estava no uso do porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas e defensivas. A abolição deste uso testemunha o abrandamento dos costumes, e é curioso seguir-lhe a gradação desde aquela época, em que os cavaleiros jamais cavalgavam sem armadura e armados de lança, até o simples porte da espada, mais como ornamento e acessório do brasão, do que arma agressiva. Um outro traço dos costumes é que outrora os combates particulares ocorriam em plena rua, perante a multidão que se afastava para deixar o campo livre, e hoje são ocultos. Atualmente a morte de um homem é um acontecimento que comove; outrora não se lhe prestava atenção. O Espiritismo varrerá estes últimos vestígios da barbárie, inculcando nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

A. K.

FUNDAMENTOS DA ORDEM SOCIAL

(Lyon, 16 de setembro de 1862 – Médium: Sr. Émile V...)

Nota – Esta comunicação foi obtida numa sessão particular, presidida pelo Sr. Allan Kardec.

Eis que vos reunis para ver o Espiritismo em sua fonte, a fim de olhar de frente esta idéia e de apreciar as grandes ondas do amor que ela prodigaliza aos que a conhecem.

O Espiritismo é o progresso moral; é a elevação do Espírito na estrada que conduz a Deus. O progresso é a fraternidade em seu nascedouro, porque a fraternidade completa, tal qual pode o Espírito imaginá-la, é a perfeição. A fraternidade pura é um perfume do alto, uma emanção do infinito, um átomo da inteligência celeste; é a base de todas as instituições morais e o único meio de elevar um estado social que possa subsistir e produzir efeitos dignos da grande causa pela qual combateis.

Sede, pois, irmãos, se quiserdes que o germe lançado entre vós se desenvolva e se torne a árvore que buscais. A união é a força soberana que baixa à Terra; a fraternidade é a simpatia na união; é a poesia, o encanto, o ideal no positivo.

Precisais ser unidos para serdes fortes e ser fortes para fundar uma instituição que repouse unicamente na verdade, tornada tão comvente e tão admirável, tão simples e tão sublime. Divididas, as forças se aniquilam; reunidas, são cada vez mais fortes.

Se considerarmos o progresso moral de cada criatura, se refletirmos no amor e na caridade que brota de cada coração, a diferença será muito maior. Sob o sublime influxo desse sopro inefável, os laços de família se apertam, mas os laços sociais, tão vagamente definidos, se esboçam, se aproximam e acabam formando um único feixe de todos esses pensamentos, de todos esses desejos, de todos esses objetivos de natureza diversa.

O que é que vedes sem a fraternidade? O egoísmo, a ambição. Cada um tem o seu objetivo e por seu lado cada um o persegue; cada um marcha a seu modo e todos são fatalmente arrastados para o abismo em que se evaporam, há séculos, todos os esforços humanos. Com a união apenas há um objetivo, porquanto há um só pensamento, um só desejo, um só coração. Uni-vos, pois, meus amigos: é o que incessantemente vos repete a voz de nosso mundo. Uni-vos e chegareis muito mais depressa ao vosso objetivo.

É principalmente nessa reunião tão simpática que deveis tomar a resolução irrevogável de serdes unidos pelo pensamento comum a todos os Espíritos da Terra, para oferecerdes o preito do vosso reconhecimento àquele que vos abriu o caminho do bem supremo, que trouxe a felicidade às vossas cabeças e aos vossos corações, e a fé em vossos Espíritos. Vosso reconhecimento é a recompensa atual; não a recuseis e, oferecendo-a de um só fôlego, dareis o primeiro exemplo da verdadeira fraternidade.

Léon de Muriane, Espírito protetor

Observação – Este nome é completamente desconhecido, até do médium. Isto prova que para ser um Espírito elevado não há necessidade de ter o nome inscrito no calendário ou nos fastos da História e que, entre os que se comunicam, muitos há cujos nomes são desconhecidos.

AQUI JAZ DEZOITO SÉCULOS DE LUZES⁵⁵

(Lyon, 16 de setembro de 1862 – Médium: Sr. Émile V...)

O Sr. Émile, que obteve a comunicação acima e muitas outras igualmente notáveis, é muito jovem. Além de excelente médium escrevente é, também, médium pintor, embora não tenha aprendido desenho nem pintura. Pinta a óleo paisagens e temas diversos, para o que é levado a escolher, misturar e combinar as cores necessárias. Do ponto de vista da arte, seus quadros não são perfeitos, conquanto se veja, em certas exposições, algumas telas que não valem mais que as suas. Falta-lhes principalmente acabamento e suavidade, os tons são vigorosos e muito acentuados. Mas quando se pensa nas condições em que são feitos, não são menos admiráveis. Quem sabe se, com o exercício, não adquirirá ele a habilidade que lhe falta e não se tornará um verdadeiro pintor, como aquele operário bordelês que, mal sabendo assinar o nome,

⁵⁵ **N. do T.:** O correto seria: Aqui *jazem* dezoito séculos de luzes. Vide explicação dada pelo próprio Espírito, inserida no terceiro parágrafo.

escreve como médium e acabou por ter uma linda letra para uso pessoal, sem outros mestres além dos Espíritos?

Quando vimos o Sr. Émile V..., estava ele concluindo um quadro alegórico, onde se vê uma urna fenerária sobre a qual estava escrito: *Aqui jaz dezoito séculos de luzes*. Permitimo-nos criticar tal inscrição, do ponto de vista gramatical e, para começar, não compreendemos o sentido dessa alegoria, colocando dezoito séculos de luzes num caixão, considerando-se que, como dizíamos, graças sobretudo ao Cristianismo, a Humanidade está hoje mais esclarecida do que outrora. A comunicação acima foi por ele recebida na sessão do dia 16. O Espírito respondeu às nossas observações, acrescentando o que se segue.

“*Aqui jaz* é posto de propósito. O assunto não é expresso pelo número *dezoito*, representando séculos; é um total de séculos, uma idéia coletiva, como se houvesse um *lapso de tempo* de dezoito séculos. Podeis dizer aos vossos gramáticos que não confundam uma idéia coletiva com uma idéia de separação. Eles próprios não dizem da multidão, que pode ser composta de um número incalculável de pessoas, que *ela pode* mover-se? É o bastante sobre o assunto, porque é a própria idéia.

“Agora abordemos a alegoria. Dezoito séculos de luzes num caixão! Esta idéia representa todos os esforços feitos pela verdade durante esse tempo, esforços que foram sempre destruídos pelo espírito de partido e pelo egoísmo. Dezoito séculos de luzes em pleno dia, seriam dezoito séculos de felicidade para a Humanidade, dezoito séculos que apenas começam a germinar na terra e que teriam tido seu desenvolvimento. O Cristo trouxe a verdade à Terra e a colocou ao alcance de todos. O que lhe aconteceu? As paixões terrestres dela se apoderaram e a encerraram num caixão, donde vem tirá-la o Espiritismo. Eis a alegoria.”

Léon de Muriane

PAPEL DA SOCIEDADE DE PARIS

(Sociedade de Paris, 24 de outubro de 1862 – Médium: Sr. Leymarie)

Paris é o terminal de passageiros do mundo. Todos aí aportam à cata de uma impressão, de uma idéia.

Quando me achava entre vós, muitas vezes me perguntava por que essa grande cidade, ponto de encontro do mundo inteiro, não possuía uma reunião espírita numerosa, tão numerosa quanto pudessem conter os mais vastos anfiteatros.

Algumas vezes cheguei a pensar que os espíritas parisienses se entregavam muito aos prazeres; até pensei que, para muitos, a fé espírita era um prazer de amador, uma distração entre as muitas que Paris oferece continuamente.

Mas longe de vós e, no entanto, tão perto, vejo e compreendo melhor. Embora assentada às margens do Sena, Paris está em toda parte; e, todos os dias, sua cabeça poderosa agita o mundo inteiro. Como ela, a Sociedade central espírita faz jorrar seu pensamento no Universo. Sua força não está no círculo onde se realizam suas sessões, mas em todos os países onde são seguidas as suas dissertações, em toda parte onde ela faz lei, no que respeita aos seus ensinamentos inteligentes. É um sol, cujos raios benfazejos se refletem ao infinito.

Por isso mesmo a Sociedade não pode ser um grupo comum; seus pontos de vista são predestinados e seu apostolado maior. Não pode ela limitar-se a um pequeno espaço, porquanto o mundo lhe é necessário, invasora que é, por natureza. E, de fato, hoje ela conquista pacificamente grandes cidades; amanhã conquistará reinos e mais tarde o mundo inteiro.

Quando um estrangeiro vos faz uma visita de cortesia, recebei-o dignamente, generosamente, para que leve uma grande idéia do Espiritismo, esta poderosa arma da civilização, que deve aplanar todos os caminhos, vencer todas as divergências e até todas as dúvidas. Dai com prodigalidade, a fim de que cada um receba esse alimento do Espírito, que tudo transforma em sua passagem misteriosa, porque a crença nova é forte como Deus, grande como Ele, caridosa como tudo quanto emana do poder superior, que fere para consolar, oferecendo à Humanidade laboriosa a prece e a dor como meios de progredir.

Bendita sejas, Sociedade que amo, tu que dás sempre com benevolência; tu que realizas uma tarefa árdua sem olhar as pedras que obstruem a passagem. Muito mereceste de Deus. Não serás e não poderás ser um centro ordinário, mas, repito, a fonte benfazeja onde o sofrimento encontrará sempre o bálsamo reparador.

Sanson,

(Antigo membro da Sociedade de Paris)

ORIGEM DA LINGUAGEM⁵⁶

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. d'Ambel)

Pedis-me hoje, caros e amados ouvintes, que vos dite ao meu médium a história da origem da linguagem. Esforçar-me-ei por vos satisfazer. Deveis, porém, compreender que me será impossível, nalgumas linhas, tratar inteiramente esta grave questão, à qual se liga, forçosamente, outra ainda mais importante: a da origem das raças humanas.

Que Deus Todo-Poderoso, tão benevolente para com os espíritos, conceda-me a lucidez necessária para afastar de minha dissertação a obscuridade, a confusão e, principalmente, todo o erro!

56 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

Entro na matéria dizendo-vos: Admitamos como princípio esta verdade: que o Criador deu a todos os seres da mesma raça um modo especial, mas seguro, para se entenderem e para se comunicarem entre si. Entretanto, essa linguagem, esse modo de comunicação era tanto mais restrito quanto mais inferiores as espécies. É em virtude desta verdade, desta lei, que os selvagens e as tribos pouco civilizadas possuem línguas tão pobres que uma porção de termos utilizados nas regiões favorecidas pela civilização lá não encontram palavras correspondentes. E é em obediência a essa mesma lei que as nações que progridem criam novas expressões para descobertas e necessidades novas.

Como disse alhures, a Humanidade já atravessou três grandes períodos: a fase bárbara, a fase hebraica e pagã e a fase cristã. A esta última sucederá o grande período espírita, cujos fundamentos iniciais lançamos entre vós.

Examinemos, pois, a primeira fase e o começo da segunda. Não repetirei senão o que já disse. A primeira fase humana, que poderemos chamar pré-hebraica ou bárbara, arrastou-se lentamente e por tempo prolongado em horrores e convulsões de uma terrível barbárie. Aí o homem é peludo como um animal selvagem e, como as feras, abriga-se em cavernas e nos bosques. Vive de carne crua e se repasta de seu semelhante, qual se fora excelente caça. É o mais absoluto reino da antropofagia. Nada de sociedade, nada de família! Alguns grupos dispersos aqui e ali, vivendo na mais completa promiscuidade e sempre prontos a se entredorarem: tal é o quadro desse período cruel. Nenhum culto, nenhuma tradição, nenhuma idéia religiosa. Apenas necessidades animais a satisfazer, eis tudo! Prisioneira de uma matéria estupefaciente, a alma fica morna e latente em sua prisão carnal; nada pode contra o invólucro grosseiro que a encerra e sua inteligência apenas se pode mover nos recônditos de um cérebro limitado. O olho é apagado, a pálpebra pesada, o lábio grosso, o crânio achatado e a linguagem se restringe a alguns sons guturais. Nada prenuncia que desse animal bruto sairá o pai das raças hebraicas e

pagãs. Todavia, com o tempo eles sentem necessidade de se defenderem contra outros carnívoros, como o leão e o tigre, cujas presas terríveis e garras afiadas venciam facilmente o homem isolado. Entretanto, o reino da matéria e da força bruta se manteve durante toda essa frase cruel. Não procureis no homem dessa época nem sentimentos, nem razão, nem linguagem propriamente dita; ele apenas obedece à sensação grosseira e só tem um objetivo: beber, comer e dormir. Nada além disso. Pode dizer-se que o homem inteligente aí está em germe, mas não existe ainda. Contudo é preciso constatar que, entre as raças brutais, já aparecem alguns seres superiores, Espíritos encarnados com a incumbência de conduzir a Humanidade ao seu objetivo e apressar o advento das eras hebraica e pagã. Devo acrescentar que, além desses Espíritos encarnados, o globo terrestre era visitado freqüentemente por esses ministros de Deus, cuja tradição a memória consagrou sob os nomes de anjos e arcanjos e que, quase todos os dias, estes se punham em contato com os seres superiores, Espíritos encarnados, de que acabo de falar. A missão de alguns desses anjos continuou durante grande parte da segunda fase, ou humanitária. Devo aditar que o quadro que acabo de esboçar, dos primeiros tempos da Humanidade, vos ensina um pouco a que leis rigorosas estão submetidos os Espíritos que ensaiam viver em planetas de formação recente.

A linguagem propriamente dita, como a vida social, só começa a ter um caráter certo a partir da era hebraica e pagã, durante a qual o Espírito encarnado, sempre sujeito à matéria, começa a se revoltar e a quebrar alguns elos de sua pesada cadeia. A alma fermenta e se agita em sua prisão carnal; por esforços reiterados reage energicamente contra as paredes do cérebro, cuja matéria sensibiliza; melhora e aperfeiçoa, por um trabalho constante, o jogo de suas faculdades, desenvolvendo, conseqüentemente, os órgãos físicos; enfim o pensamento pode ser lido num olhar límpido e claro. Já estamos longe das fronteiras achatadas! É que a alma se sente, se reconhece, tem consciência de

si mesma e começa a compreender que é independente do corpo. Desde então luta com ardor para se desvencilhar da opressão de sua robusta rival. O homem se modifica cada vez mais e a inteligência se movimenta mais livremente num cérebro mais desenvolvido. Constatamos, todavia, que nessa época o homem ainda é circunscrito e considerado como animal; o homem é escravo do homem. A escravidão é consagrada pelo Deus dos hebreus, tanto quanto pelos deuses pagãos; e Jeová, assim como Júpiter Olímpico, pede sangue e vítimas vivas.

Esta segunda fase oferece aspectos curiosos, do ponto de vista filosófico. Já tracei um quadro rápido, que meu médium vos comunicará oportunamente. Seja como for, e para voltar ao tema em estudo, tende certeza de que não foi senão na época dos grandes períodos pastorais e patriarcais que a linguagem humana tomou um aspecto regular e adotou formas e sons especiais. Durante essa época primitiva, em que a Humanidade se libertava das fraldas e do balbuciar da primeira infância, poucas palavras bastavam aos homens, para os quais ainda não tinha nascido a ciência, cujas necessidades eram muito restritas e as relações sociais não ultrapassavam a porta das tendas, o âmbito da família e, mais tarde, os confins das tribos. Era a época em que o pai, o pastor, o ancião, o patriarca, numa palavra, dominava como senhor absoluto, com direito de vida e morte.

A língua primitiva era uniforme; porém, à medida que crescia o número de pastores, estes, deixando por sua vez a tenda paterna, foram constituir novas famílias em regiões desabitadas, formando novas tribos. Então a língua por eles usada se modificou gradativamente, de geração em geração, da que era usada na tenda paterna, que outrora haviam abandonado. Assim foram criados os vários idiomas. Aliás, embora não seja minha intenção dar um curso de lingüística, já deveis ter notado que as línguas mais discordantes apresentam palavras cujo radical pouco variou e cujo significado é quase o mesmo. Por outro lado,

conquanto tendes a pretensão de formardes um velho mundo, a mesma razão, que corrompeu a língua primitiva, ainda reina soberana em vossa França tão orgulhosa de sua civilização, onde vedes as concordâncias, os termos e a significação variarem, já não direi de província em província, mas de comuna em comuna. Apelo aos que percorreram a Bretanha, como aos que viajaram à Provença e ao Languedoc. É uma variedade de idiomas e de dialetos que espanta a quem os quisesse coligir num único dicionário.

Uma vez que os homens primitivos, ajudados pelos missionários do Eterno, emprestaram a certos sons especiais outras tantas idéias especiais, foi criada a língua falada; as modificações que mais tarde ela sofreu o foram sempre em razão do progresso humano. Por conseguinte, conforme a riqueza da língua, pode estabelecer-se facilmente o grau de civilização a que chegou o povo que a fala. O que posso acrescentar é que a Humanidade marcha para uma língua única, conseqüência forçada de uma comunhão de idéias morais, políticas e, sobretudo, religiosas. Tal será a obra da filosofia nova – o Espiritismo – que hoje ensinamos.

Erasto

Respostas

Ao Sr. B. G., de La Calle (Argélia): *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ainda não foram traduzidos para o italiano.

Ao Sr. Dumas, de Sétif (Argélia): Recebi o *Écho de Sétif* e li com atenção os dois notáveis e cultos artigos sobre o Espiritismo, publicados nesse jornal. Deles falarei em detalhe no próximo número. Sinto-me feliz por ver esse estimável jornal chamar a si a causa da doutrina e tratá-la de modo sério.

Errata

Nº 9, setembro de 1862, *Peregrinações da alma*, no quarto verso da segunda quadra:

Son être se dégage ou se trouve *attiré*.

lede: *atterré*.

A quadra a seguir foi omitida após a quarta:

No tempo certo Deus permite que almas puras
Encarnem entre nós só por dedicação;
Pois são ministros Seus, trazendo-nos venturas,
Que a lei do amor pregar é deles a missão.

Esta omissão, ocorrida durante a impressão, tira o sentido da estrofe seguinte, que começa por: “*Sua santa missão*”, etc., e que se torna a sexta.

Allan Kardec

